

Negatividade versus Racionalismo: a Visão de Josef Pieper sobre o Pseudo Dionísio Areopagita

Prof. Dr. Roberto C. G. Castro¹

Analisar a visão do filósofo alemão Josef Pieper (1904-1997) sobre o teólogo conhecido como Pseudo Dionísio Areopagita é um exercício instigante, edificante e muito instrutivo. O grande professor da Universidade de Münster, autor de uma vasta obra em que se destaca a interpretação de Platão e de Tomás de Aquino, dedicou páginas preciosas também ao pensador cristão do século VI. A ele, Pieper atribui uma realização grandiosa, da qual o teólogo, vivendo ainda nos primeiros séculos medievais, jamais poderia imaginar ser o principal mentor: a de ter livrado o cristianismo de um perigo mortal, o racionalismo.

Em seu *Scholastik*², Pieper afirma que Dionísio representou um “corretivo” contra o racionalismo teológico medieval, que deu seus primeiros sinais de existência com a obra de Boécio (480-525) – capaz de escrever um tratado sobre a Trindade usando apenas conceitos da filosofia grega, sem citar um único versículo da *Bíblia*. No início do capítulo 3 daquele livro, Pieper explica esse risco que ameaçou o cristianismo desde o início. Para ele, uma “compreensão racional” dos que crêem é algo indispensável, pois o que crê precisa “saber” o que a palavra divina diz. Porém, outra coisa um tanto radical é a exigência de que a revelação de Deus se faça tão completamente conhecida através da consideração racional que, com isso, o caráter de mistério se torne simplesmente anulado e surja, em consequência, uma fé igualmente supérflua. “Assim entendo ‘racionalismo’: ele fecha a afirmação em si, nada pode existir que exceda completamente a força da razão dos homens.”

Contra essa ameaça, o cristianismo contou com o pensamento negativo do Pseudo Dionísio Areopagita. Em *Dos nomes divinos*, por exemplo – afirma Pieper –, Dionísio destaca que, contra toda especulação racional, há a tese bíblica de que não podemos dar a Deus nenhum nome conveniente se Ele mesmo não o tiver revelado nas Escrituras. Em seguida, porém, ele indica que nem mesmo os nomes revelados podem expressar adequadamente a essência de Deus. Certamente é correto chamar Deus de “justo”. Mas essa afirmação positiva, para não ser falsa, necessita ao mesmo tempo da correção de uma correspondente negação. Nosso conceito de justiça – continua Pieper, ainda no capítulo 3 de *Scholastik* – procede do único mundo de experiências acessíveis a nós, em que o justo manifesta seu dever em relação ao outro com quem tem algo pendente. Nisso consiste precisamente a justiça. Porém, à essência de Deus pertence o não ser devedor de ninguém. Assim, pode ter sentido dizer que a justiça de Deus é necessariamente tão “distinta” que não pode ser chamada de “justiça” em sentido estrito. Na realidade, nem sequer poderíamos chamar a Deus de “ente” ou de “real”, pois esses conceitos são tomados das coisas a que Deus dá o ser e a realidade – razão por que Deus não poder ser incluído entre as coisas.

Entretanto, mesmo essas negações – afirma ainda Pieper, interpretando o pensamento dionisiano – não podem ser consideradas como conhecimento sobre Deus. Em *Da teologia mística*, Dionísio conclui com a negação da negação: Deus supera infinitamente qualquer possível enunciado dos homens, seja afirmativo, seja negativo.

¹ Doutor em Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da USP.

² München: DTV, 1978. Ed. esp.: *Filosofia medieval y mundo moderno*. Madrid: Ediciones Rialp, 1973.

Pieper acrescenta que seria equivocado chamar esse corretivo dionisiano de “irracional”, porque a razão de enunciados “negativos” não é um vago sentimento injustificado, mas sim o conhecimento claro, “racional”, de que Deus supera infinitamente as possibilidades do conhecimento humano.

Negatividade no Pseudo Dionísio Areopagita³

O pensamento do Pseudo Dionísio Areopagita é uma especulação sobre coisas que não pertencem nem ao mundo sensível nem ao domínio do conhecimento inteligível. É nessa esfera – não material, intelectual ou espiritual – que se instala o que é impossível nomear, mas que nem por isso deixa de existir. Os quatro tratados e as dez cartas que formam o *Corpus dionysiacum* são justamente o reconhecimento de uma realidade radicalmente transcendente, sequer percebida ou imaginada pelos homens. Deus, Criador, Trindade – nomes utilizados para se referir a essa realidade absolutamente incompreensível – são expressões inadequadas, úteis apenas para sugerir que existe algo além da capacidade de apreensão humana.

Essa realidade incompreensível permanece incognoscível. Isso torna evidente a limitação do conhecimento humano no que se refere à realidade transcendente. Lembrando que, conforme as Escrituras, “ninguém jamais viu Deus”⁴, o *Corpus dionysiacum* destaca que o Criador é “um mistério que transcende todo ser”, supraessencial a todas as coisas, e que, definitivamente, nada do que existe pode ser comparado a ele⁵. Não existem palavras que possam expressar esse Bem inefável⁶. Nenhuma criatura pode conhecê-lo nem contemplá-lo como é, uma vez que ele transcende tudo, e não há caminhos por onde penetrar em sua infinitude secretíssima⁷.

Sendo causa de todas as coisas, Deus não é nada do que existe, pois está supraessencialmente separado de todo ser. “Está muito longe de qualquer maneira de ser, de todo movimento, vida, imaginação, opinião, nome, palavra, pensamento, inteligência, substância, estado, princípio, união, fim, imensidade. De tudo quanto existe.”⁸

As realidades secretas de Deus são incomunicáveis, mais profundas do que um abismo, continua o Pseudo Dionísio Areopagita⁹. Ele é Ser que está sobre todo ser, sem que nada o alcance¹⁰. Não é possível designar seu nome nem seu modo de ser, pois se eleva muito acima de todo entendimento. É um mistério muito distante da realidade das coisas¹¹, uma luz inacessível que, por sua claridade imensa, se transforma numa impenetrável treva divina¹². O Pseudo Dionísio Areopagita acentua a inacessibilidade de Deus, afirmando:

Dizemos, pois, que a Causa universal está por cima de todo o criado. Não carece de essência nem de vida nem de razão nem de inteligência. Não tem corpo nem figura nem qualidade nem quantidade nem peso. Não está em nenhum lugar. Nem a vista nem o tato a percebem. Não sente nem a alcançam os sentidos. Não sofre desordem nem perturbação procedente de paixões terrenas. Não carece de poder nem a alteram acontecimentos imprevistos. Não necessita de luz. Não experimenta mutação

³ Neste tópico, utilizo informações extraídas do capítulo 3 da minha tese de doutorado, “Negatividade e participação: a influência do Pseudo Dionísio Areopagita em Tomás de Aquino – teologia, filosofia e educação”, defendida em novembro de 2009.

⁴ *I Timóteo* 6:16: “o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu nem é capaz de ver”.

⁵ *Da hierarquia celeste* XII, 3.

⁶ *Dos nomes divinos* I, 1.

⁷ *Dos nomes divinos* I, 2.

⁸ *Dos nomes divinos* I, 5.

⁹ *Dos nomes divinos* II, 4.

¹⁰ *Dos nomes divinos* II, 10.

¹¹ *Dos nomes divinos* XIII, 3.

¹² *Carta V*.

nem corrupção nem decaimento. Não se lhe acrescenta ser nem fazer nem coisa alguma que caia sob o domínio dos sentidos.¹³

Deus envolve os seres de tal forma que a mente não pode compreender¹⁴. Nada consegue explicar o que é supraessencial a todo ser e que excede toda razão e inteligência¹⁵. Trata-se de uma “ciência secreta” que nem a luz física nem o conhecimento das coisas sensíveis consegue apreender¹⁶, como diz o autor do *Corpus dionysiacum*:

O mistério de Jesus está escondido. Não há palavra nem entendimento que o descubram. Inefável por mais que dele digam. Ainda que o entendam, permanece incompreensível.¹⁷

Para o Pseudo Dionísio Areopagita, nenhuma palavra ou conceito – produto do conhecimento do homem – é capaz de expressar as coisas divinas. O intelecto humano visa a conhecer um objeto, que é um ente, um ser. Uma vez que Deus – causa da inteligência e do conhecimento e criador da sabedoria universal e particular¹⁸ – é uma realidade que se eleva muito acima dos seres, segue-se que Ele transcende todo conhecimento. Para conhecê-lo, seria preciso um saber supraessencial¹⁹. “Não podemos alcançar com o pensamento nem com palavras o um, o incognoscível, o supraessencial.”²⁰

Não convém empregar a razão, que é uma “auxiliar dos sentidos”, para chegar à secreta causa de todas as coisas²¹. Comparado com a inteligência divina, o entendimento humano é uma espécie de erro²², razão por que os mistérios da Trindade não devem ser entendidos conforme nenhuma das formas de pensar humanas²³. O máximo que se pode obter com o intelecto é compreender que foi concedido ao homem participar da paternidade e filiação divinas²⁴.

Em virtude dessa definitiva e radical incognoscibilidade do divino, é melhor se referir a Deus dizendo o que Ele não é do que afirmando o que Ele é, afirma o Pseudo Dionísio Areopagita. “Essa maneira é muito mais própria falando de Deus, pois, como a secreta tradição nos ensina, nada de quanto tem existido se parece com Deus e desconhecemos sua supraessência invisível, inefável, incompreensível.”²⁵

Usar palavras para se referir a Deus significa limitar aquele que é ilimitado e infinito. Ao chamá-lo de Ser, Vida, Luz e Verbo, por exemplo, apreendem-se apenas algumas propriedades do divino²⁶. A afirmação positiva é sempre inadequada para se referir ao mistério inexprimível²⁷, daí porque, para chegar a Deus, o homem precisa abandonar toda operação intelectual²⁸. Ascender à verdade através da negação libera a alma de tudo que lhe é afim na ordem natural, preparando-a para o desconhecido. “Por fim, transcendendo as fronteiras do mundo, a alma chega à união com Deus, tanto quanto é possível da parte dele como da parte da alma.”²⁹

Em *Da teologia mística* encontra-se delineado esse método de falar de Deus através da negação, em contraposição ao procedimento de fazer afirmações sobre ele. Afirmar, para o Pseudo Dionísio Areopagita, é partir do princípio das coisas e ir

¹³ *Da teologia mística* IV.

¹⁴ *Dos nomes divinos* IX, 9.

¹⁵ *Dos nomes divinos*, XIII, 3.

¹⁶ *Carta* I.

¹⁷ *Carta* III.

¹⁸ *Dos nomes divinos* VII, 1.

¹⁹ *Dos nomes divinos* I, 1 e 4.

²⁰ *Dos nomes divinos* I, 5.

²¹ *Dos nomes divinos* VI, 2.

²² *Dos nomes divinos* VII, 1.

²³ *Dos nomes divinos* XIII, 3.

²⁴ *Dos nomes divinos* II, 8.

²⁵ *Da hierarquia celeste* II, 3.

²⁶ *Dos nomes divinos* II, 7.

²⁷ *Da hierarquia celeste* II, 3.

²⁸ *Dos nomes divinos* II, 7.

²⁹ *Dos nomes divinos* XIII, 3.

acrescentando-lhe afirmações, até chegar aos extremos, à totalidade do que se pode falar sobre esse princípio. Já com a negação se dá o contrário: a partir dos extremos, vão-se retirando as afirmações até chegar ao cume do desconhecido, onde não há palavras nem reflexão. Elimina-se, assim, tudo o que envolve o princípio das coisas – e impede o seu conhecimento pelos homens –, para chegar à união com o incognoscível. É como fazem os artistas ao esculpir uma estátua: lapidam o mármore, tirando da peça lascas de pedra que impedem ver a beleza da forma que desejam criar³⁰. Como está escrito em *Da teologia mística*:

Quanto mais olhamos para cima, mais os discursos se contraem pela contemplação das coisas inteligíveis; assim também, agora, ao penetrarmos na treva superior do intelecto, já não encontramos discursos breves, mas uma total ausência de palavras e de pensamentos. Ao contrário, seguindo de cima para baixo, o discurso se amplia na proporção da descida; agora, todavia, elevando-se de baixo para cima, contrai-se na proporção da subida, tornando-se profundamente mudo, para unir-se totalmente ao inefável.³¹

A *Carta I* volta ao tema da negação afirmando que os conhecimentos humanos tornam invisível a ciência do não-saber. Quanto mais luzes, menos visível é a treva divina. Ressalvando que o não-saber não significa privação, mas transcendência, o Pseudo Dionísio Areopagita diz:

Ele (Deus) ultrapassa todo ser e conhecer. Seu ser está acima de todo ser. A mente não alcança conhecê-lo. Negando a ele, pois, existência como a nossa, negando que nosso conhecimento o conhece, esse perfeito não-saber, no melhor sentido, é conhecer aquele que está acima de quanto se possa conhecer.³²

A fortuna da negatividade dionisiana: Tomás de Aquino³³

O pensamento negativo do Pseudo Dionísio Areopagita, como mostra Pieper em *Scholastik*, exerceu poderosa influência sobre os pensadores medievais, incluindo o maior deles, Tomás de Aquino. Como um dos grandes intérpretes do Aquinate, o filósofo de Münster não deixou passar despercebido o elemento negativo do pensamento de Tomás – ao contrário do que ocorre com a maioria dos estudiosos do autor da *Suma teológica*, que, justamente por não terem notado essa característica, transformam Tomás num pensador racionalista, com respostas cabais para todos os problemas da existência.

Na realidade, embora Tomás de Aquino sempre tenha exercido profunda influência em diferentes áreas do conhecimento – principalmente na teologia, na filosofia e na educação – desde quando foi concebido, no século XIII, até hoje, em pleno século XXI, essa influência se deu sem que fosse considerado o elemento negativo da obra tomasiana, que permaneceu praticamente ignorado ao longo do tempo. Trata-se de um equívoco monumental, pois esse elemento – cuja fonte é o Pseudo Dionísio Areopagita – afeta profundamente toda a estrutura do pensamento do Aquinate. Sem considerá-lo, altera-se de tal forma a sua obra que já não se pode mais falar propriamente em “teologia ou filosofia de Tomás de Aquino”, mas sim, talvez, apenas em ideias sob inspiração de Tomás de Aquino – ou “tomismo”, como é mais comum.

³⁰ *Da teologia mística II.*

³¹ *Da teologia mística III.*

³² *Carta I.*

³³ Neste tópico, faço uso de informações extraídas do capítulo 5 da minha tese de doutorado.

Pieper foi um dos poucos pensadores que perceberam a importância fundamental do elemento negativo na obra tomasiana. Ele explica o que é a negatividade em Tomás de Aquino num ensaio publicado em *Unaustinkbares Licht*, já traduzido no Brasil³⁴. Segundo Pieper, as doutrinas tomasianas do ser e da verdade – e, de resto, todo o pensamento do Aquinate – só podem ser devidamente compreendidas caso se leve em conta o decisivo papel que tem, na filosofia de Tomás, o conceito de Criação – ou seja, a ideia de que todas as coisas são *creaturas*. Esse conceito, por sua vez, está intimamente relacionado com o elemento negativo de incognoscibilidade e de mistério.

Para Tomás – explica Pieper –, o ser e a verdade estão indissoluvelmente ligados. As coisas são verdadeiras porque são pensadas por Deus. Elas possuem um “quê”, uma quiddidade, um determinado conteúdo essencial porque são fruto de um pensamento projetador e criador. A diferença entre essa ideia e a afirmação de que só se pode chamar de verdadeiro o que é pensado – repetida pelos pensadores modernos, de Bacon a Kant – é que, para Tomás, as coisas reais são, de fato, algo pensado, pensado criadoramente pelo *Logos*.

Isso é confirmado até mesmo pelo moderno existencialismo, aponta Pieper. Em sua radical tentativa de “extrair todas as consequências de uma posição ateia coerente”, como afirma em *L’existentialisme est un humanisme*, o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) disse que “não há essência do homem, porque não há Deus para concebê-la”³⁵. Em outras palavras, é o mesmo que dizer: “As coisas têm uma essência porque são pensadas. Os objetos fabricados pelo homem têm uma essência porque foram concebidos por uma mente criadora. Como não há Deus para pensar o homem, este não tem uma essência”. Embora negue a Criação, Sartre raciocina sobre a mesma base, sobre a mesma ideia de que a essência de um ser depende de uma inteligência criadora, que dê a ele um conteúdo de significado através do pensamento criador – ideia que, para Pieper, representa o fundamento da clássica metafísica ocidental do ser.

Segundo Tomás, a realidade natural está situada entre dois cognoscentes, o intelecto divino – o conhecimento criador de Deus, que pensa o ser – e o intelecto humano, que se dirige ao ser³⁶. Ela é, portanto, uma estrutura articulada entre “Projetador” e “apreensão do projeto, realizado no ente”. “De acordo com essa dupla referência das coisas é que Tomás desenvolve sua doutrina. Há, assim, um duplice conceito de ‘verdade das coisas’: o primeiro afirma o ser-pensado por Deus; o segundo, a inteligibilidade para o espírito humano.”³⁷ Dessa forma, acrescenta Pieper, afirmar que “as coisas são verdadeiras” significa dizer que as coisas são pensadas por Deus e que as coisas são acessíveis ao conhecimento humano.

Porém, embora o fato de serem pensadas fundamente a inteligibilidade das coisas para o homem, esse mesmo fato determina também a impossibilidade de o ser humano compreender cabalmente a essência das coisas. Acontece que, para Tomás, pode-se falar de “verdade das coisas” de duas maneiras: uma delas consiste na correspondência entre o intelecto humano e as criaturas; a outra se refere à correspondência entre a criatura e o pensamento criador que a projetou.

Entre essas duas correspondências existe uma diferença fundamental: a primeira (pensamento humano para com a realidade) pode tornar-se objeto de conhecimento do homem, enquanto a segunda (realidade para com o Pensamento) não

³⁴ Josef Pieper, “O elemento negativo na filosofia de Tomás de Aquino”, tradução de Gabriele Greggersen, *Revista de Estudos Árabes*, FFLCHUSP, Número 5/6, janeiro/dezembro de 1995, p. 53-75.

³⁵ “Il n’y a pas de nature humaine, puisqu’il n’y a pas de Dieu pour la concevoir” (Jean-Paul Sartre, *Le existentialisme est un humanisme*, Paris, 1946, p. 22). Citado por J. Pieper, obra citada, p. 60.

³⁶ *Quaestiones disputatae de veritate* I, 2.

³⁷ J. Pieper, obra citada, p. 61-62.

pode³⁸. Em outros termos, o homem tem a potência de conhecimento das coisas, mas não lhe é possível conhecer formalmente a sua verdade. O ser humano conhece a imagem imitativa dos seres, mas não a sua correspondência com o arquétipo, a relação existente entre o ser-pensado e o seu projeto. Como explica Pieper:

A relação de correspondência existente entre a imagem arquetípica em Deus e a imagem criada que a segue – e nisso consiste formal e primariamente a verdade das coisas – não poderá jamais, como dizíamos, ser diretamente apreendida pelo nosso olho; não podemos alcançar um ponto de vista a partir do qual nos seja possível comparar a imagem arquetípica com a sua imagem imitativa; somos simplesmente incapazes de assistir, por assim dizer, como espectadores à emanação das coisas “do olho de Deus”.³⁹

Com boa dose de ironia, Pieper, no capítulo IV de *Scholastik*, afirma que, em contraste com o pensamento negativo de Tomás, Anselmo pretende elaborar a teologia dos “tinha que”. Em seu livro *Cur Deus homo?*, o arcebispo da Cantuária – que, nota Pieper, não leu o Pseudo Dionísio Areopagita, pois em toda sua obra o cita uma única vez, e ainda assim para criticá-lo – explica que havia um número perfeito de criaturas adoradoras de Deus e que, com a queda dos anjos, esse número de caídos *tinha que* ser substituído pelo homem, que, portanto, *tinha que* ser redimido. Para isso, Jesus Cristo *tinha que* encarnar, *tinha que* morrer na cruz, *tinha que* ressuscitar, *tinha que*... Já para Tomás, as *rationes necessariae* são impossíveis simplesmente porque tudo se apoia na liberdade de Deus: Deus fez a Encarnação e a Redenção porque quis e como quis.

No contraste entre Tomás e Anselmo, percebe-se a diferença que faz o pensamento do Pseudo Dionísio Areopagita. Os pensadores influenciados por ele – como Tomás de Aquino – trazem a marca da negatividade, do mistério e da incognoscibilidade. Por sua vez, aqueles que não leram a obra do Pseudo Dionísio Areopagita, a exemplo de Anselmo, tendem ao racionalismo e à tentativa de explicar todas as coisas, mesmo as insondáveis.

Conclusão

Como um dos grandes intérpretes da filosofia, Josef Pieper tem o mérito de apontar para o leitor contemporâneo essa tradição de pensamento negativo que, tendo sido assimilada e elaborada de forma magistral pelo Pseudo Dionísio Areopagita, atravessou os séculos, influenciou importantes pensadores – como Tomás de Aquino – e permitiu que o cristianismo ficasse imune ao racionalismo exacerbado. O filósofo de Münster reconhece, como poucos, a grande dívida que a teologia cristã tem para com o pensador do século VI.

Bibliografia

PIEPER, JOSEF. *Scholastic*. München: DTV, 1978. Edição espanhola: *Filosofia medieval y mundo moderno*. Madrid: Ediciones Rialp, 1973.

_____. “O elemento negativo na filosofia de Tomás de Aquino”, tradução de Gabriele Greggersen, in *Revista de Estudos Árabes*, FFLCHUSP, número 5/6, janeiro/dezembro de 1995, p. 53-75.

PSEUDO DIONÍSIO AREOPAGITA. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1990.

TOMÁS DE AQUINO. *Verdade e conhecimento*, tradução de Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Recebido para publicação em 22-10-09; aceito em 10-12-09

³⁸ J. Pieper, obra citada, p. 64.

³⁹ J. Pieper, obra citada, p. 68-69.